



A MINHA EXPERIÊNCIA DE CONFINAMENTO: ANÁLISE DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE JOVENS EM TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA E PARA O ENSINO SUPERIOR

Sandra Lima Coelho
Católica Porto Business School
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto
Cláudia Carvalho Amador
Católica Porto Business School
Maria Isabel Guimarães
Católica Porto Business School

Resumo

Neste trabalho analisaram-se as experiências de confinamento de 43 jovens estudantes do primeiro ano do ensino superior dos cursos de Economia e Gestão da Católica Porto Business School, no que concerne aos processos de transição para a vida adulta e para o ensino superior em tempos de pandemia e de isolamento físico e social. A análise das narrativas biográficas redigidas pelos estudantes permitiu concluir que as circunstâncias em que ocorreram as transições foram profusamente marcantes, sobretudo, no que respeita aos rituais que assinalam os momentos de entrada na vida adulta e no ensino superior: a ausência das festas de aniversário dos 18 anos, do baile e das viagens de finalistas é mencionada como uma situação angustiante e de tristeza. Sendo a amostra constituída por jovens que beneficiam de condições materiais de existência confortáveis e que passaram pelo confinamento sem qualquer provação de cariz material, foi no campo do lazer e das atividades lúdicas que situaram o lado mais sombrio da pandemia.

Palavras-chave: *transições; rituais; confinamento; pandemia.*

MY LOCKDOWN EXPERIENCE: AN ANALYSIS OF BIOGRAPHICAL NARRATIVES OF STUDENTS IN TRANSITION TO ADULTHOOD AND HIGHER EDUCATION

Sandra Lima Coelho
Católica Porto Business School
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto
Cláudia Carvalho Amador
Católica Porto Business School
Maria Isabel Guimarães
Católica Porto Business School

Abstract

This paper draws on the confinement experiences of 43 young first-year undergraduate students of Economics and Management at Católica Porto Business School and examines the transition processes to adulthood and higher education during the pandemic and physical and social isolation. Biographical narratives written by the students revealed that the context of such transitions was profusely significant, mainly regarding rituals that mark entry into adulthood and higher education. Students found the lack of 18th birthday parties, prom and senior trips particularly distressing and saddening experiences. However, participants in the study are typically well-off young people leading comfortable material conditions and went through confinement without any material ordeal. That may explain why they identified the loss of leisure and recreational activities as the pandemic's darkest side.

Keywords: *transitions; rituals; lockdown; pandemic.*

Introdução

Trabalhar com jovens estudantes do primeiro ano do ensino superior é desafiante. Desde logo, porque esses jovens, de um modo geral, encontram-se em momentos de transição determinantes no seu trajeto biográfico: a transição para o ensino superior e para a vida adulta. Essas transições pautam-se por profundas mudanças no quotidiano, no estilo de vida, nas redes de sociabilidade, na ocupação e fruição de tempos livres. As transições são, igualmente, marcadas por inquietações, angústias e incertezas. O desafio torna-se ainda maior quando se procura sensibilizar os jovens para a necessidade de compreender o que se passa à sua volta, questionar a realidade e proceder à análise da vida social.

O ano de 2020 foi particularmente fértil no que concerne a problemas suscitados pela realidade e, nomeadamente, pela situação pandémica causada pelo SARS-CoV-2. É um ano que marcou, indelevelmente, as nossas vidas: o mundo ficou em suspenso, refém de um vírus que rapidamente originou uma pandemia. Remetidos a uma situação de confinamento previamente desconhecida, o nosso quotidiano transformou-se e reconfigurou-se. Desde o teletrabalho até ao ensino online, do estreitamento das práticas culturais à cultura de apartamento, das sociabilidades e dos afetos à distância, a pandemia provocada pelo SARS-CoV-2 transformou o espaço-casa num espaço multifuncional e agregador de todas as práticas e vivências: espaço de trabalho, de estudo, de ensino e de aprendizagem, de lazer, de sociabilidade e de consumo.

Neste cenário, várias questões surgiram no que concerne às consequências desta pandemia, entre as quais se destaca o seu impacto nas diversas faixas etárias. O estudo das jovens gerações tem sido presença constante na produção sociológica portuguesa, sobretudo no que concerne às identidades e culturas, valores e representações juvenis, assim como os seus trajetos escolares e sociais (Pais, 1993). Neste trabalho, focamo-nos nos jovens e, mais especificamente, nos jovens estudantes do primeiro ano do ensino superior. Como é que estes jovens experienciaram o confinamento? Como é que estes jovens, em transição do ensino secundário para o ensino superior e em transição para a

vida adulta, lidaram com a privação de experiências de vida e rituais de passagem tão marcantes como as festas de aniversário dos 18 anos (dos próprios e dos amigos), os bailes e viagens de finalistas e os rituais de praxe académica?

Na disciplina de Sociologia Económica, lecionada na Católica Porto Business School, convidámos os estudantes, no ano letivo de 2020/2021, a narrar as suas experiências durante o primeiro confinamento. Estas experiências foram relatadas na forma de narrativa biográfica. Os estudantes seguiram um guião constituído por blocos temáticos e pré-estabelecido pela equipa docente, que lhes permitiu estruturar a reflexão e a narração das suas experiências no contexto específico de confinamento obrigatório, suscitado pelo estado de emergência decretado no país, de 19 de março a 4 de maio de 2020. O campo de estudo não foi, assim, uma situação fictícia ou artificial, mas sim as interações e práticas dos estudantes no quotidiano, num momento específico das suas vidas.

Os estudantes reconstruíram e (re)ordenaram livremente as memórias deste percurso, ordenando os acontecimentos, omitindo determinados factos e episódios e realçando outros. A leitura destas narrativas proporcionou um conhecimento aprofundado sobre as suas sensibilidades, emoções e sentimentos durante o primeiro período de confinamento. Ramos e Alvarez (2021, p. 15) sustentam que “os estudos sobre a juventude são (...) uma linha de investigação que surge (...) com um enfoque particular nos estudantes universitários, nas suas origens sociais, nas suas práticas e nas suas representações sociais”. São jovens que adiarão a sua entrada no mercado de trabalho (e na vida adulta), optando por aumentar as suas qualificações (Brannen & Nilsen, 2002, cit. in Guerreiro & Abrantes, 2007; Sagnier & Morell, 2021) e que desejam, nesta fase das suas vidas, “viver a vida” e “gozar a liberdade”, saindo à noite, viajando, divertindo-se, convivendo, antes de “assentarem”, ou seja, de assumirem as rotinas e obrigações inerentes à vida adulta (Guerreiro & Abrantes, 2007). Estes jovens viram-se, repentinamente, não só privados dessas experiências de vida, como confinados ao espaço habitacional durante cerca de um mês e meio, num contexto de risco e de incerteza.

Investigar jovens no século XXI envolve olhar para o conceito de juventude no plural, dada a diversidade e multiplicidade de experiências juvenis que se cruzam na complexidade das relações sociais, das transformações estruturais e do risco e incerteza inerentes ao mundo atual (Rocha et al., 2016). Oliveira, Lacerda, Santos e Freixa (2018) destacam, nesta perspetiva, três linhas de pesquisa essenciais: as linhas clássicas das transições para a vida adulta, culturas juvenis e da emergência de uma cultura digital. Nas páginas que se seguem, apresentamos uma análise de um conjunto de 43 narrativas biográficas, focadas numa dessas linhas: a transição para a vida adulta e os rituais de passagem para esse ciclo de vida, assim como para o ensino superior. Damos, assim, voz a vidas e sonhos interrompidos e em suspenso.

Transição para a vida adulta

Guerreiro & Abrantes (2007, p. 149) apontam que a transição para a vida adulta constitui sempre um processo integrado e total, no qual se articulam as trajetórias dos jovens nas várias esferas, as variáveis de género, os apoios de que dispõem, entre outros elementos. Já Blatterer (2007, p. 773) avança que “As sociedades modernas não fornecem respostas definitivas quanto ao início da vida adulta”. Por outro lado, vários autores sublinham que é essa a razão pela qual os cientistas sociais se debatem com os conceitos de vida adulta e, consequentemente, de juventude. As controvérsias sobre a “pós-adolescência”, a “vida adulta emergente”, a “vida adulta suspensa” e a “nova vida adulta” (Blatterer, 2007) dizem respeito a “temas relacionados com ambivalências, riscos e oportunidades, introduzindo novas formas e exigências futuras de lidar (aprender) com essa nova realidade.” (cit. in Bois-Reymond, 2011, p. 115-116). Por seu turno, Banks et al. (1992) distinguem entre transições aceleradas e transições prolongadas, quando se reportam às transições para a vida adulta. Neste caso concreto, estamos perante jovens estudantes recém-chegados ao ensino superior, logo, em processos de transição prolongados por via da aquisição de capital escolar, ao invés da opção pela via profissional.

A amostra deste estudo é constituída por jovens de classes médias que tendem a seguir estratégias de transição que privilegiam o futuro. Bourdieu (1984) reconhece a existência de dois modelos diferenciados de juventude com correlação com o espaço de classes. De acordo com a perspetiva deste autor, os jovens das classes médias empossam percursos longos de escolaridade e de qualificação, dispondo, assim, de vastas oportunidades nos campos das sociabilidades, do emprego, do lazer e da família, ao contrário do que sucede com os jovens da classe operária que, desde cedo, ingressam na vida ativa e em processos de constituição de família, seguindo os parâmetros tradicionais. Ora, tal não se verifica entre os jovens incluídos neste estudo, corroborando a tese de Guerreiro e Abrantes (2007, p. 42) que advogam que, em geral, os jovens das classes favorecidas têm percursos de escolaridade longos e entram tarde no mercado de trabalho. Os trajetos analisados enquadram-se no prolongamento da dependência financeira face à família de origem, facto a que não é alheia a opção pela continuação do percurso escolar.

Guerreiro e Abrantes (2007, p. 154) designam de “transições lúdicas” as transições para a vida adulta caracterizadas por “longos trajetos de escolaridade, incluindo a experiência académica, ainda que nem sempre estejam associados a um grande envolvimento nas áreas de estudo. (...) Quase sempre, estes jovens permanecem até uma idade tardia em casa dos pais, gozando de um estatuto de “semi-dependência”. Já Nilsen et al (2002, cit. em Guerreiro & Abrantes, 2007) definem que estes jovens usufruem de liberdades praticamente ilimitadas e encargos financeiros quase nulos. Guerreiro & Abrantes (2007) explicam que, como consequência dos processos de modernidade avançada, os jovens, atualmente, dispõem de um maior leque de escolhas, no que concerne ao consumo, ao lazer e à formação, o que possibilita que um amplo conjunto de jovens possa usufruir de um período de “pós-adolescência”, beneficiando de uma vivência descontraída e despreocupada, como advogam Cavalli (1995), Galland (1995b) e Du Bois (1995) (cit. in Guerreiro & Abrantes, 2007). Os resultados da presente pesquisa corroboram esta tese. Efetivamente, os jovens que integram a amostra valorizam a individualização

e a realização pessoal, priorizam o convívio com os amigos, as saídas noturnas e a diversão.

Os jovens que beneficiam destas “transições lúdicas” gozam de um suporte familiar que lhes abre portas para os campos do lazer, do consumo e da formação, incompatíveis com os empregos precários e mal remunerados que o mercado de trabalho lhes reserva. Deste modo, este modelo de transição é mais frequente entre os jovens das classes favorecidas, cabendo à família assegurar os encargos financeiros dos jovens até uma idade tardia e os jovens alcançam níveis de escolaridade elevados sem grande esforço (Guerreiro & Abrantes, 2007, p. 153-154), o que se coaduna com as características encontradas no discurso dos jovens desta amostra:

No momento em que começámos a ter aulas agendadas e um horário online, senti uma transição da minha vida de lazer para, novamente, um dia a dia com obrigações e deveres por cumprir, bastante brusca e agressiva. (Gonçalo)

A experiência do confinamento social

Ao período pandémico está associada uma nova terminologia, usualmente utilizada por profissionais de saúde e cientistas, que passou a fazer parte do nosso quotidiano, dos quais destacamos os conceitos de confinamento social e de isolamento social. O confinamento social (Porto Editora, s.d.-a) é um conceito que está associado a um conjunto de indivíduos que, por motivos de saúde, se encontra impossibilitado de sair de casa por razões de saúde ou de segurança. Por sua vez, isolamento social (Porto Editora, s.d.-b) define aquilo que, em Psicologia, se traduz numa situação de ausência de contacto social, privação de contacto social e familiar e que, com a questão pandémica, ganhou um novo relevo, tendo como principal objetivo evitar a propagação do vírus de SARS-CoV-2.

No que concerne à experiência de confinamento, os relatos destes estudantes permitem concluir que as suas vidas se tornaram entediadas e as rotinas mais difíceis de realizar. Entre os que praticam desporto, os atletas mencionaram que a sua prática desportiva diminuiu, o que contrasta com o discurso dos estudantes que, não sendo atletas

de competição, intensificaram as suas práticas de atividade física:

Deixei de sair de casa e, conseqüentemente, a minha atividade física baixou de uma maneira drástica. O facto de os ginásios terem fechado também contribuiu para o meu sedentarismo. (Margarida)

Outra vertente *onde* senti uma enorme diferença foi nas atividades, principalmente, desportivas. Eu sou um atleta de futebol federado. Estava habituado a treinar quatro vezes por semana e a ter jogo ao fim de semana e, de repente, comecei a passar os dias no sofá, o que foi bastante complicado. (Afonso)

(...) perdi a noção dos dias da semana, era tudo tão igual! o sedentarismo estava a tomar conta de mim. (...) Era uma pessoa muito ativa, mal tinha tempo para estar a assistir televisão, das aulas ia para o ginásio e do ginásio ia para os meus treinos de natação. Passei do “oito ao oitenta” *onde* tudo o que fazia para além das aulas era ver televisão. (Pedro)

Soube ocupar muito bem o meu tempo e distrair-me com várias coisas, incluindo fazer desporto (...). Em dias normais, tentava fugir ao máximo ao exercício físico, desculpando-me a mim mesma que não tinha tempo para o fazer. (Helena)

Estes resultados vão ao encontro do estudo efetuado por Branquinho et al. (2020), no qual foram inquiridos 617 jovens entre os 16 e os 24 anos, com idade média de 19 anos e no qual os inquiridos revelam que as suas vidas se tornaram mais monótonas, menos produtivas, a atividade física diminuiu entre os atletas, mas a prática desportiva aumentou entre os que não são atletas. Os resultados do nosso estudo acompanham, igualmente, as conclusões da investigação levada a cabo por Gouveia et al. (2021, p. 35) que revela que “a condição física, o bem-estar e saúde mental foram dimensões de impacto incontornável em muitas das respostas e, em alguns casos, referidas como negativamente afetadas pelo prolongamento da situação pandémica”.

No ponto seguinte, damos conta das experiências vivenciadas pelos estudantes, no que concerne aos rituais de transição para o ensino superior dos quais se viram privados.

A importância (e a ausência) dos rituais de transição para o ensino superior

Guerreiro & Abrantes (2007, p. 165) demonstram que a transição para a vida adulta não é uma simples situação de passagem, mas antes um percurso no qual se produzem e reproduzem práticas e representações singulares. Por seu turno, Pais (2001) aprofunda as questões da instabilidade e da incerteza que caracterizam a particularidade de muitos jovens contemporâneos que vivem o seu dia-a-dia entre uma tensão constante entre o presente e o futuro. Esta realidade não seria, à partida, sentida pelos jovens que integram a amostra. Contudo, este estudo decorreu num espaço-tempo de pandemia, o que marcou os processos de transição destes jovens, que não beneficiaram da passagem simples e amena proporcionada pelo conforto material das suas condições materiais de existência e que antes se desenrolou num período de mudanças e de instabilidade, marcado por dificuldades muito específicas.

Os processos de transição para a vida adulta ocorrem, hoje, num contexto de risco (Guerreiro & Abrantes, 2007), dada a imprevisibilidade das transformações, quer na esfera cultural quer na esfera económica, que deixam em aberto uma miríade de possibilidades. O atual contexto de pandemia revela que as transições também acarretam dificuldades e riscos. Se, no mundo pré-pandemia, os jovens enfrentavam o problema da reestruturação e precarização do mercado de trabalho, esta geração vê-se agora a braços com uma adversidade única que abriu espaço para um panorama de grande incerteza, instabilidade e medo, condicionado os seus trajetos biográficos, o seu quotidiano e os processos de transição para a vida adulta.

Este contexto tão específico conduziu a uma desintegração e desestruturação de um processo que, dadas as características dos estudantes que constituem a amostra, esperar-se-ia amena, hedonista e marcada pelo reforço de laços sociais com o grupo de pares, nomeadamente, através dos rituais de passagem como o baile e as viagens de finalistas, a praxe académica, a Queima das Fitas ou as festas de aniversário que marcam o ingresso na maioria. Porém, acabou por ser um período de

insatisfação, de incertezas, de alterações profundas no quotidiano, de adaptação e readaptação constantes, marcado pela inexistência de um tratamento e/ou de uma vacina (à data do início da redação deste trabalho, estamos em pleno segundo período de confinamento obrigatório), portanto, à mercê das condições e contingências da situação pandémica, que obriga a confinamentos restritos e a viver em estado de emergência, provocando uma certa incapacidade de viver o presente e de planear o futuro. Este contexto de imprevisibilidade leva-nos ao conceito de “transições incertas”, formulado por Guerreiro e Abrantes (2007, p. 167), que caracteriza os processos de entrada na vida adulta no Portugal contemporâneo e que nos parece muito adequado ao incerto contexto atual. Como ocorreram, então, os rituais que marcam essas transições, em tempos de confinamento?

Branquinho et al. (2020, p. 626) sustentam que, no que respeita ao “impacto na vida social e nas relações de amizade, os jovens referem que a pandemia pode provocar perda de contactos, diminuir as competências interpessoais e impossibilitou a vivência de momentos e acontecimentos importantes, como o baile ou viagem de finalistas.” Esta pesquisa revelou resultados similares, sendo que vários estudantes mencionaram a angústia de não vivenciar rituais de passagem como o baile e a viagem de finalistas, como veremos adiante.

No início do século XX, Durkheim (1912) escreveu que os rituais são factos sociais que promovem a união entre aqueles que os praticam. Neste âmbito, podemos afirmar que os rituais praxistas desempenham um papel reconhecido como sendo relevante na vida coletiva das universidades, assegurando a coesão entre os elementos desse nicho comunitário. Ao ritual praxista acrescentam-se outros, como a Semana Académica, a Queima das Fitas, o Cortejo Académico, as cerimónias de graduação, entrega de diplomas e bênção das pastas. Estes rituais são comunitários e são experiências dotadas de um forte cariz emocional e “socialmente impostas aos indivíduos através da tradição e da pressão social, permitindo assim uma perceção distinta do tempo” (Costa, 2020, p. 124). Com o confinamento, as atividades nos *campus* universitários foram suspensas. As cerimónias de graduação foram canceladas ou

realizadas *indoor*, no mundo virtual, simbolicamente, para não deixar de se cumprir o ritual. Sendo uma construção social, o ritual vive mais numa realidade idealizada, pré-conjeturada, com base na memória ou por antecipação e não numa realidade “real”, fixa e imutável. Assim, foi com naturalidade que as práticas ritualistas migraram para o mundo virtual.

Entre os rituais de passagem para a vida adulta relacionados com o ingresso no ensino superior contam-se, igualmente, ainda que não ocorra com todos os estudantes de ensino superior, a saída de casa da família de origem para morar na cidade na qual se situa a faculdade. Passa-se a partilhar casa com os amigos ou colegas de curso, ou a viver em residências universitárias. Neste grupo de estudantes, não se vislumbram testemunhos nesse sentido. Os rituais mais mencionados foram o baile e a viagem de finalistas e as festas de aniversário dos 18 anos, a marca da transição para a maioridade, como podemos ler nos seguintes excertos:

Todos os planos para o futuro foram adiados e, passado algum tempo, cancelados: o baile de finalistas, as viagens de verão e de Páscoa (...) Sendo eu uma adolescente que atingiria a maioridade neste ano, grandes expectativas este acontecimento me reservava: desde terminar o secundário, ter a tão esperada viagem de finalistas, ingressar no ensino superior, entre outros. (Margarida)

Os meus pais nunca me deram a liberdade que eu pretendia, nunca quiseram que eu ‘voasse muito alto’ e com isso não me deixavam fazer uma viagem com as minhas amigas. Mas, (...) nesse ano íamos fazer uma viagem com a escola a Barcelona, onde eu iria com as minhas melhores amigas para a festa! Já estava a poupar dinheiro para irmos à discoteca e a outros *pubs*, onde iríamos ter toda a liberdade do mundo e onde, certamente, iriam ser os melhores cinco dias da nossa vida. Mas, por causa do Covid, essa viagem foi cancelada e até fizemos em conjunto um minuto de silêncio para a nossa frustração e revolta acalmarem. (Olívia)

No dia em que foi decretada a pandemia ficámos todos chateados, porque isso significaria que não haveria viagem de finalistas nem baile de finalistas nem nada do género. (Sandra)

Assim, o dia 16 de março (segunda-feira), foi o primeiro dia útil do meu confinamento forçado. Calha que nesse mesmo dia eu completei 18 anos... Se foi triste? Foi, sem dúvida que foi. Tantos planos, preparativos, expectativas... Tudo gorado. A festa para 50 pessoas que ia ter lugar no sábado seguinte, e cujo local, menu, decoração, tinha escolhido com cuidado, ficou adiada indefinidamente... Até hoje, aliás. (...) Foi um dia involuntariamente triste. Sem a presença dos meus amigos, dos meus avós... (Matias)

O meu 18.º aniversário foi em pleno confinamento. Não conseguia deixar de pensar que a grande festa de aniversário que desejava e organizava há meses não iria acontecer. (Alexandra)

Um assunto que era muito falado entre nós era o baile de finalistas. Eu ansiava muito para saber de que forma é que a minha escola ia lidar com a situação e fiquei bastante desapontada (apesar de entender os professores) quando soube que já não iria haver baile pois não havia condições para isso. (Catarina)

Considerações Finais

A “juventude” é uma construção social, “formulada no contexto de particulares circunstâncias económicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”, como nos relata Pais (1990, p. 146). Falar em jovens, como se se tratasse de uma “unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação”, considera Bourdieu (1984, p. 153). As narrativas aqui analisadas dão conta de experiências muito similares, o que fortalece a ideia de que, neste estudo, estamos perante um grupo de jovens com características homogéneas, que beneficiam de condições materiais de existência confortáveis que lhes permitiram viver o confinamento sem grandes percalços e que não foram, certamente, experimentadas pela generalidade dos jovens portugueses. Estes estudantes não tiveram de preocupar-se com questões inerentes à sua subsistência. Assim, as suas preocupações, em tempos de pandemia,

incidiram naquilo que lhes esteve vedado e que se relaciona com práticas de lazer e hedonismo: estar com os amigos/as, dedicar-se a *hobbies* ou outras atividades não remuneradas como a prática de desporto, a ida ao ginásio, as festas e viagens e, ainda, os rituais de passagem para a vida adulta e para o ensino superior.

Apesar de Bauman (2001) considerar que a juventude se caracteriza, atualmente, pela sua vivência líquida, marcada pelo seu carácter provisório (no que concerne ao emprego – vivemos numa época de precariedade disfarçada de “flexissegurança” –, à habitação e aos relacionamentos que já não são para a vida) e não tanto pela ideia de um estádio de transição linear, foi possível verificar, nesta amostra, que estes jovens se encontram em fase de transição e que, face aos seus elevados volumes de capital económico familiar de origem, essa transição se assegura suave e lúdica. Não obstante, a situação de pandemia interferiu com essa transição, sobretudo, no que concerne à vivência dos rituais de passagem para a vida adulta e para o ensino superior: como pudemos constatar, foram vários os relatos que refletem a angústia de ter perdido a festa de aniversário dos 18 anos, o baile e a viagem de finalistas.

Por fim, recordamos que nos propusemos a analisar o impacto da pandemia em jovens de uma classe social privilegiada, capitalizada económica e culturalmente e que são estudantes dos cursos de Economia e de Gestão, logo, os resultados são apenas representativos desta amostra e, por isso, não se aplicam à generalidade dos jovens portugueses.

Referências bibliográficas

Banks, M., Banks, M. H., Bates, I., & Breakwell, G. (1992). *Careers & Identities*. Milton Keynes. Open University Press.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.

Blatterer, H. (2007). *Coming of Age in Times of Uncertainty*. Berghahn Books.

Bois-Raymond, M. (2011). Aprender a ser jovem pai ou mãe na Europa. In J. M. Pais, R. Bendit & V. S. Ferreira (Orgs.), *Jovens e Rumos* (pp. 113-133). ICS - Imprensa de Ciências Sociais.

Bourdieu, P. (1984) *Questões de Sociologia*. Fim de Século.

Branquinho, C., Santos, A. C. & Matos, G.M. (2020). A Covid-19 e a Voz dos Adolescentes e Jovens em Confinamento Social. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 21(3), 624-632. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210307>

Costa, R. (2020). Graduation by the Couch. Ritual, pandemic and life that does (not) goes on. In C. Sales, E. Araújo & R. Costa (Orgs.), *Tempo e Vidas em Suspensão. Time and society in the lounge* (pp.125-142). CIES-ISCTE.

Durkheim, É. (1912). *Les Formes Elementaires de la Vie Religieuse. Le Systeme Totémique en Australie*. Les Presses Universitaires de France.

Gouveia, R., Silva, S. S., Almeida, A. N. de, Wall, K. (Coord.), Vieira, M. M., Carvalho, D. & Ribeiro, A. S. (2021). *Os Impactos Sociais da Pandemia: o Segundo Confinamento*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Guerreiro, M. D. & Abrantes, P. (2007). *Transcrições Incertas. Os Jovens perante o Trabalho e a Família*. Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Pais, J. M. (1990). Lazeres e sociabilidades juvenis: um ensaio de análise etnográfica. *Análise Social*, XXV, 591-644.

Pais, J. M. (1993). *Culturas Juvenis*. Análise Social.

Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro*. Ambar.

Porto Editora (s.d.-a). *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*. Consultado a 9 de junho, 2021, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/confinamento>

Porto Editora (s.d.-b). *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*. Consultado a 9 de junho, 2021, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/isolamento>

Ramos, A., & Alvarez, E. (2021). Principais olhares e contributos da Sociologia para a consolidação do estudo da juventude em Portugal. In Sagnier, L. & Morell, A. (Coords), *Os jovens em Portugal, hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem* (pp. 11-29.). Fundação Francisco Manuel dos Santos,

Rocha, G. P. N., Lalanda-Gonçalves, R., & Medeiros, P. D. (2016). *Juventude(s): Novas realidades, novos olhares*. Edições Húmus.

Sagnier, L., & Morell, A. (2021). *Os jovens em Portugal, hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Sandra Lima Coelho é Assistente Convidada na Católica Porto Business School. Investigadora colaboradora do IS-UP. Doutorada em Sociologia pela FLUP. Licenciada em Sociologia pela FLUP. Mestre em Desenvolvimento e Inserção Social pela FEP.

Cláudia Carvalho Amador é Assistente Convidada na Católica Porto Business School. Licenciada em Sociologia pela FLUP e mestre em Sociologia pela FEUC.

Maria Isabel Guimarães é Professora Auxiliar e regente da disciplina de Sociologia Económica nas licenciaturas de Gestão e Economia na Católica Porto Business School. Mestre em Sociologia do Trabalho pelo ISCTE e doutorada em Sociologia pela School of the Social Sciences da University of Manchester.

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 24 de janeiro de 2022. Aprovado para publicação em 20 junho de 2022.